

La collana **SCHERIA** è realizzata nell'ambito della convenzione quadro stipulata tra Università di Genova e Fondazione De Ferrari ETS



FONDAZIONE **DE FERRARI**

con il contributo di



**DIRAAS** DIPARTIMENTO  
DI ITALIANISTICA, ROMANISTICA,  
ANTICHIstica, ARTI E SPETTACOLO

COLLANA DIRETTA DA

**Maria Federica Petrucci** (Università di Genova)

COMITATO SCIENTIFICO

**Patrizia Basso** (Università di Verona), **Riccardo Bertolazzi** (Università di Verona), **Christer Bruun** (University of Toronto), **Alfredo Buonopane** (Università di Verona), **Elisabetta Colagrossi** (Università di Genova), **José D'Encarnação** (Universidade de Coimbra), **Paolo De Paolis** (Università di Verona), **Marta González González** (Universidad de Málaga), **Andrew Wallace Hadrill** (University of Cambridge), **Daniele Manacorda** (Università di Roma Tre), **Santiago Carlos Montero Herrero** (Universidad Complutense de Madrid), **Isabel Rodà de Llanza** (Universidad autònoma de Barcelona), **Rita Scuderi** (Università di Pavia)

SEGRETERIA REDAZIONALE

**Serena Biggio, Lorenzo Boragno, Martina Garibotti, Maria Tramunto**

in copertina:

*The Colosseum*, John Inigo Richards,  
1776, olio su tela, particolare

Progetto grafico: *Alessia Ronco Milanaccio*



© 2023

REALIZZAZIONE EDITORIALE

JANUA SRLS

*Via Ippolito d'Aste 3/10 - 16121 Genova*

*Tel. 010 5956111 - 010 587682*

*segreteria@deferrari.it*

*www.deferrarieditore.it*

*L'editore rimane a disposizione per gli eventuali  
diritti sulle immagini pubblicate. I diritti  
d'autore verranno tutelati a norma di legge.*

# ***E pluribus Roma***

Identità storica e artistica di una realtà  
urbana che ambiva a diventare 'memorabile'

a cura di

*Maria Federica Petraccia*

*A Marco Buonocore e a Gabriella Poma  
che ci hanno insegnato l'amore, il rigore per la ricerca  
e la generosità e umanità nel condividerla.*

## Indice

Presentazione della collana 'Scheria'	9
Introduzione	11

## STORIA ED EPIGRAFIA

<i>Statio and opus signinum: Water, Frontinus, Vitruvius</i>	15
— Christer Bruun	
Palazzo Ferrajoli (Roma): la riscoperta del monumento funerario di un pretoriano macedone e di una dedica veientana alla <i>Victoria</i>	25
— Giorgio Crimi	
O multissecular fascinio das inscrições romanas. The Roman inscriptions' eternal fascination	41
— José d'Encarnação	
Novità epigrafiche dal <i>Municipium ad Sava (Mauretania Caesariensis)</i> nel Fondo Pierre Salama (INHA, Parigi)	57
— Sergio España-Chamorro, Gian Luca Gregori	
Tra centro e periferia: sui senatori che rivestirono magistrature locali nelle comunità del <i>Latium vetus</i> in età tardorepubblicana e imperiale	71
— Gian Luca Gregori, Victor A. Torres-González	
<i>Regina Viarum</i>	85
— Mariano Malavolta	
Sul culto del <i>Genius</i> in Transpadana	95
— Rita Scuderi	
Il "poco" e il "molto": scelte di comunicazione epigrafica in Campidoglio	115
— Daniela Velestino	
<i>Tibiscum</i> e la Dacia romana	125
— Livio Zerbini	

## SOCIETÀ, ECONOMIA E DIRITTO

Roma e la sua inclusività: origine della sua grandezza e del suo declino	135
— Guendalina Azaro	
Nullum crimen, nulla poena, sine lege: alcune considerazioni sopra la violenza nei confronti delle uxores	143
— Martina Garibotti	

Dante e il Ratto delle Sabine "Eccovi alfine, o belle de' vostri vincitori vincitrici adorate" — Maria Federica Petracchia	157
Crisi della <i>res publica</i> e spartizione delle rendite politiche: ricordando Gianfranco Miglio, un 'moderno classico' — Roberto Scevola	177
Storia di una concubina ripudiata: <i>femineos artus in olentes vertere mentas</i> — Maria Tramunto	221

## ARCHEOLOGIA E TERRITORIO

La centralità di Roma nella viabilità dell'Impero — Patrizia Basso, Piergiovanna Grossi	233
Oltre il <i>Limes</i> : i contatti tra la cultura di Przeworsk e l'Impero tra I e III secolo d.C. — Serena Biggio	257
<i>Andriantopoiiká</i> de Posidipo de Pela: un capítulo recobrado de la historia del arte perdido — Marta González González	269
<i>L'Arcus Recordationis</i> sulla via Appia a Roma: una ipotesi — Daniele Manacorda	283
Una <i>luno elmata</i> fra Ardea e Ariccia — Giuseppina Manca di Mores	303
Il giallo di Tarquinia. Aspetti delle fasi finali della vita di una città etrusca e romana — Attilio Mastrocinque, Fiammetta Soriano	313
L'immagine di Roma oggi tra senso e valore dei luoghi — Giovanni Giacomo Pani, Paola Procaccini	327
Divisioni agrarie romane nel territorio dei Sanniti Pentri: la (presunta) centuriazione di <i>Saepinum</i> — Gianluca Soricelli	351
Elenco degli autori dei contributi	365

# O MULTISSECLAR FASCÍNIO DAS INSCRIÇÕES ROMANAS THE ROMAN INSCRIPTIONS' ETERNAL FASCINATION

José d'Encarnação

**Riassunto:** Lo studio qui presentato identifica l'autore di un quadro con iscrizioni romane esposto al Museo di Odrinhas a Sintra (Portogallo). L'analisi di tre delle epigrafi rappresentate (*CIL* VI 1946, 29 718 e 12 577) è volta a dimostrare come queste siano documenti autentici e non semplici rappresentazioni artistiche.

**Parole chiave:** la memoria dell'Antichità; iscrizioni romane di Roma; immagini con iscrizioni romane.

**Abstract:** The author of a picture with Roman inscriptions exposed at Odrinhas'Museum in Sintra (Portugal) is now identified here. The study of three of these epigraphs of Rome (*CIL* VI 1946, 29 718 e 12 577) are studied to demonstrate that they are authentic documents and no mere artistic representations.

**Keywords:** The memory of the Antiquity; Roman inscriptions of Rome; pictures with Roman inscriptions.

É bem conhecido o perene, irresistível e multissecular fascínio das inscrições romanas. Pode mesmo afirmar-se que constituem um dos principais veículos de “permanência” dos Romanos ao longo de gerações.

Não admira, por consequência, que inclusive os artistas se tenham deixado seduzir por esse tema e não hajam hesitado em incluir epígrafes romanas nos seus quadros.

Teve José Cardim Ribeiro oportunidade de adquirir, num antiquário de S. Pedro de Sintra, para o Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas (Sintra), seis estampas do século XIX, de que mais adiante se falará com mais detença. Escolho uma delas, aleatoriamente, para documentar essa presença de Roma (Fig. 1).

Tem legenda em inglês e em italiano:

«Interno di una Camera antica annessa alle mure di Roma dentro la Vigna Casali nella quale al principio dell’anno 1701 si vedevano diverse Urne Cinerarie ed Iscrizioni trovate nello scavo della detta Vigna. N° 10».

Estamos perante um edifício alto e de estrutura sólida. Pelo chão, amontoam-se ânforas, mormente do lado esquerdo de quem observa, e, em primeiro plano, o tronco de um togado e monumentos epigráficos de diversa forma e tamanho. Chama-nos a atenção a ideia de se mostrar a



Fig. 1. O quadro patente no Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas.

‘escala’, mediante a representação, como que a entrar no compartimento, de um cavaleiro, que se apoia com a mão esquerda na parede, em jeito de quem acabou de parar de repente, pasmado com o espectáculo que se lhe deparou. Duas outras personagens conversam, ao fundo à direita, na porta entreaberta.

Houve o cuidado de – com os naturais lapsos de cópia por parte de quem não está nas condições ideais para o fazer – procurar mostrar em pormenor o que se via.

Desconhece-se, de momento, donde é que esta estampa foi retirada e o facto de a apresentarmos aqui tem também essa intenção: identificar o seu autor e, porventura até, a data em que terá sido feita. Uma primeira conclusão desde logo se impõe: o registo deste acervo documenta grande interesse pelas descobertas arqueológicas e, de modo especial, a cativante sedução de que os letreiros se envolviam. Que mensagens estariam ali?...

Para além da referida sedução, que interesse poderá deter esta estampa do ponto de vista epigráfico?

Importa afirmar, antes de mais, que aí se retrata uma realidade e não uma ficção, ou seja, que este amontoado de peças arqueológicas existiu de facto e que, portanto, assim se documenta a vontade colecionística do proprietário deste palácio, que – ele próprio ou através dos amigos – não hesitou em retirar as epígrafes do seu contexto original para as ajuntar em sua casa.

Será, pois, aliciante verificar, agora, que ulterior destino lhes foi dado e que estudos sobre elas se realizaram.

Vamos, pois, aleatoriamente, debruçarmo-nos sobre três das epígrafes aí representadas. Outras poderão ser, naturalmente, ainda mais elucidativas; contudo, o exercício ora tentado poderá vir a ser feito em relação a alguma das outras – serão 13 no conjunto – com, certamente, maior proveito.

Adiantar-se-á que foi possível identificar no *CIL VI* essas três epígrafes da cidade de Roma e, por isso, assim as identificamos, inclusive para facilitar ulteriores estudos.

## 1. *CIL VI 1946*

### 1.1 *Os dados de CIL VI 1946*

Placa rectangular moldurada; campo epigráfico rebaixado em relação à moldura que é lisa. Pelo desenho, a espessura dá ideia de poder ser mais do que simples placa a encastrar, mas sim um elemento estrutural do próprio edifício que identifica. Ostenta a seguinte inscrição:

HOC MONIMENTVM  
APPARITORVM PRAECONVM  
AEDILIVM VETERVM  
VCARIVM EST  
IT POSTERISQVE EORVM

A ficha desta epígrafe está na p. 433 da 1ª parte do volume VI do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, datado de Berlim, 1876, e editado por Eugenius Bormann e Guillelmus Henzen.

Informa-se aí que se trata de placa (*tabula*) de mármore tiburtino. Letras boas e antigas. Na vinha dos Casali, à porta Capena.

Dá-se a leitura, acrescentando a pontuação, corrigindo, na linha 4, para VICARIVM e, na linha 5, para ET – correcções plausíveis, ainda que possa estranhar-se não se haver chamado a atenção para a escusada repetição da copulativa *et / que*.

Indica-se como fonte «Marini *sched. Vatic. et Arv. 675 (inde Or. 3202)*», obra de Luigi Gaetano Marini<sup>1</sup> de que damos informação completa na bibliografia; Or. é a abreviatura de Johann Caspar von Orelli<sup>2</sup>, que também se inclui na bibliografia final.

Explica-se – continuamos a ler a ficha *CIL VI 1946* – que o monumento pertence *ad apparitores praeconesque aedilium veteres et vicarios eorum*.

Acerca dos *vicarii apparitorum* manda-se confrontar a *lex Cornelia de XX quaestoribus*, publicada no volume I, n.º 202, do *Corpus*, de que se transcreve a correspondente passagem:

*Itemque eis viatoribus | praeconibus, qui ex hac lege lectei erunt, vicarium dare | subdere ius esto licetorque, utei ceteris viatoribus praeconibus, | qua in quisque decuria est, vicarium dare subdere iuus erit | licebitque; itemque quaestor(es) ab eis vicarios accipiunto, | utei a ceteris viatoribus praeconibus vicarios accipei | oportebit*

Cita-se a opinião de Mommsen<sup>3</sup> sobre as funções dos *praecones veteres*; e afirma-se que, mui provavelmente, desse monumento terá feito parte o n.º 1947, que refere a oferta dum *cubiculum hypaetrum (?) cum ornamentis suis* por parte de um outro *apparitor*, *D(ecimus) Caecilius Ingenuus*. Nesta epígrafe está HYPETR., que poderá ser *hyperthyrum*, o friso a colocar por cima do lintel da porta; ou seja, *Ingenuus* teve o cuidado de preparar, bem ornado, o cubículo onde a sua urna cinerária viria a ser colocada... Dado

1 MARINI 1795.

2 ORELLI 1828.

3 MOMMSEN 1876.



Fig. 2. A estampa original desse quadro.



Fig. 3. Identificação, na estampa, de *CIL* VI 1946.

que a epígrafe identifica o jazigo destes *apparitores*, têm razão os editores de *CIL* VI 1946 em supor que *Ingenuus* poderia ter sido sepultado ali.

Vem na p. 3232 da pars IV, fasc. II, *Additamenta* de *CIL* VI editados por Chr. Huelsen, 1902, informação bibliográfica complementar: «Rem-picci *monumenti della via Appia* tab. 10 in vinea Casaliorum ad portam Capenam; in villa Casalia in monte Caelio descripsi a. 1885».

Este, um dado deveras importante, porque nos esclarece a origem da imagem que motivou estas linhas. Trata-se do álbum de Agostino Rem-Picci<sup>4</sup>, datado de 1844, que apresenta 25 estampas em água-forte! E aí está, com o n° 10 no desenho, o original da estampa (Fig. 2) onde figura a inscrição que ora nos ocupa (Fig. 3); a estampa que existe no

4 REM-PICCI 1844.

Museu de Odrinhas é dela cópia levemente alterada: vestem diferentemente os personagens representados.

Também se informa que foi nessa *villa* Casalia, junto do monte Célio, que Huelsen viu e descreveu o monumento no ano de 1885.

### 1.2 Os dados de Rem-Picci

Valerá, pois, a pena, suspendermos, por momentos, o estudo de *CIL* VI 1946, para darmos conta dos objectivos que nortearam Agostino Rem-Picci na elaboração deste álbum, o que constitui, recorde-se, a finalidade principal do que nos propuséramos: mostrar como os monumentos romanos despertaram interesse ao longo dos séculos.

O álbum foi dedicado, com data de ‘Roma, il 25 Agosto 1843’, «Alla Maestà di Maria Cristina di Borbone, Infanta delle Due Sicilie, Regina Vedova di Sardegna». Após evocar a morte prematura do Marquês Luigi Biondi, «ricco com’era di buone lettere, di scelta erudizione, di sode dottrine, seppe in molti de’suoi pubblici scritti mettere il vostro nome e il vostro amore alle romane antichità in quella onoranza, della quale eravate per molti titoli meritevole», um «chiarissimo letterato ed archeologo». Ele próprio, Agostino, sentia «il bello e il meraviglioso [sic] delle antiche e delle nuove arti di questa città eterna» e, por isso, diligenciou para que «fosse condotta a buon termine la colossale opera del VATICANO ILLUSTRATO».

Sucedeu, pois, que lhe foi proporcionada a ocasião de fazer «alcuni lavori di paesaggio, prospettiva, e ruderi di antiche fabbriche lungo la via Appia così dentro come fuori le mura aureliane di Roma»; daí resultou «avere in mano ben venticinque tavole in rame di grandiosa proporzione e di esecuzione molto franca ed animata».

Ousa, pois, oferecê-las a Sua Majestade, para que, «in qualch’ora d’ozio», possa facilmente recordar «la grandiosa magnificenza d’una parte di que’ luoghi che negli anni di Vostra dimora in Roma erano con frequenza e con sempre nuovo diletto da Voi perlustrati».

Perdoar-se-me-á o longo excurso transcrito; creio, todavia, que nele bem se expressa o que seria, nesses meados do século XIX, a atenção que as ruínas despertavam não apenas entre os estudiosos mas também entre os nobres.

Importa também, desde já, levantar uma questão: ¿deverá olhar-se para este álbum como um trabalho científico, rigoroso, ou, antes, como uma forma de mostrar o que existe, sem grandes preocupações de rigor, privilegiando, quiçá, os aspectos estéticos? Aliás, assim o deve ter entendido o copista executor da tela do Museu de Odrinhas, pois que não hesitou em

dar o seu toque pessoal à representação dos personagens e – como veremos mais adiante – em interpretar à sua maneira o letreiro *CIL VI 29 718*.

Esta conclusão importa ter em conta no momento em que se tentar reconstituir o letreiro romano original: condições de iluminação, dificuldade de observação de algum pormenor, distração ocorrida no momento em que se toma nota do que se vê, vontade de dar esse ‘toque pessoal’... poderão ter influenciado a versão final. E, portanto, é deveras elucidativo o facto de nos ser possível confrontar – no caso de *CIL VI 29 718* – o desenho com o original, o que não nos foi possível com os outros dois exemplos escolhidos, por se desconhecer, por enquanto, o seu paradeiro.

### 1.3 Os estudos subsequentes à publicação de *CIL VI 1946*

Regressemos, pois, ao que sobre *CIL VI 1946* ainda se poderá dizer.

Assim, na página 3821 de *CIL VI* apenas se indica que H. Dessau incluiu a epígrafe, sob o n.º 1936, nas *Inscriptiones Latinae Selectae*, e muito bem o fez, porque, como se verá de seguida, a epígrafe merece atenção. Comenta Dessau: «*Monumentum destinatum praeconibus qui apparebant aedilibus tam veteribus quam vicariis eorum*». E a propósito ‘de veteribus et de vicariis’ sugere que se consulte Mommsen *Staatsr.* I<sup>3</sup> p. 340 not. 1.

Ao estudar a colecção Casali, Rita Santolini Giordani<sup>5</sup> inclui-a na p. 165, n.º 140. E dá esta interpretação do texto: «Il sepolcro [...] doveva essere riservato ad una cerchia limitata di consociali, gli *apparitores aedilium*, ufficiali subalterni che prestavano servizio presso magistrati edili».

Foi-lhe dedicada a ficha n.º 161 161 na base de dados *Epigraphic Database Roma*, ficha elaborada por Silvia Orlandi. Informa-se que se desconhece o seu paradeiro («*ignoratur, perit*»); apresenta-se bibliografia epigráfica exhaustiva e o texto.

Seguindo o desenho de Gaetano Rem-Picci, a epígrafe não oferece, de facto, dúvida de leitura, atendendo a que: *monimentum* é variante plausível do mais vulgar *monumentum*; a ausência do i em *vcarium*, uma distração aceitável; e, à partida, IT por ET facilmente se explica por deficiente iluminação que não deixe ressaltar as barras horizontais do E.

Há, no entanto, uma anomalia flagrante que não pode ser imputada ao lapicida, por mais ignorante que o possamos considerar: a escusada repetição do ET na última linha, aspecto que, segundo parece, terá passado despercebido até agora. ¿O que é que poderá ter acontecido? Em meu entender, foi o seguinte: lapso do desenhador! O ET deveria ter sido

colocado na linha anterior e, quando se apercebeu da omissão, ele que de expressões epigráficas pouco deveria entender, não hesitou e... desenhou IT na linha a seguir! Fica assim mais bem explicitado todo o texto. Aliás, ¿não se escrevera logo na primeira versão de *CIL VI 1946* que o monumento dizia respeito *ad apparitores praeconesque aedilium veteres et vicarios eorum*? Repito: *veteres et vicarios*! ¿E não escrevera Dessau «tam veteribus quam vicariis eorum»? Conclusão: a copulativa era o habitual e devia, por isso, constar na epígrafe.

Que se trata de placa a ser colocada na fachada do jazigo dos membros desta corporação não oferece dúvida. Minuciosa descrição do que seriam os jazigos dos membros dos *collegia* romanos merece ser lida em Waltzing<sup>6</sup>, que sobre isso escreveu, a dado passo (p. 289-290):

«Parfois les noms des confrères étaient gravés sur une table de marbre encastrée dans l'intérieur. Sur la façade du monument, on lisait une inscription de ce genre: *hoc monumentum apparitorum praeconum aedilium veterum (et) vicarium est et posterisque eorum*. C'était la demeure des morts, le temple des Mânes à qui il était consacré et à qui l'on y sacrificait».

Anote-se que – porventura inconscientemente – Waltzing põe *(et) vicarium...*

#### 1.4 *Apparitores praeconesque*

Já atrás se referiu a opinião exarada logo na ficha *CIL VI 1946*: o monumento pertence *ad apparitores praeconesque aedilium veteres et vicarios eorum*. Disse-se que a *lex Cornelia* fala dos *vicarii apparitorum* e que Mommsen explicou quais as funções dos *praecones veteres*.

Ruggiero<sup>7</sup>, s. v. «apparitor», esclarece: “Officiale subalterno dello Stato o del municipio, così chiamato genericamente in quanto presti servizio presso un magistrato o un sacerdozio pubblico dell'uno o dell'altro, e diverso, per la sua condizione libera e per l'indole meno bassa dell'ufficio, dal *servus publicus*” (p. 522). Entre as ocorrências epigráficas, cita esta *CIL VI 1946* (p. 523). Explicita, mais adiante (p. 523-524), que os *apparitores* se classificam em três categorias: “1° Secondo che funzionano presso un magistrato o un sacerdozio di Roma o dei municipii. 2° Secondo un concetto di stabilità o meno e di gerarchia. 3° Secondo l'ufficio particolare che compiono”.

O facto de Nicholas Purcell<sup>8</sup> (1983, p. 147) incluir uma alínea própria para os *praecones* no âmbito da «epigraphic evidence for the *apparitores*»

6 WALTZING 1895.

7 DE RUGGIERO 1895.

8 PURCELL 1983.

sugere que deve considerar-se a existência de *apparitores praecones*. Não será, porém, muito clara a sua interpretação desta epígrafe, porque, na nota 15, refere «early tombs for the *apparitores* and *praecones veteres* of the aediles, their *vicarii*, and their offspring»; e, na nota 53, afirma: «CIL VI 1946 is from a collective tomb for aedilician *apparitores*».

Santolini Giordani, por seu turno, apenas declara, como vimos: o sepulcro era para os *apparitores aedilium*.

Por conseguinte, ¿será de aceitar a interpretação, dada em CIL VI 1946, de que o monumento pertence *ad apparitores praeconesque aedilium veteres et vicarios eorum*? Isto é, ¿deve considerar-se *apparitores et praecones* ou somente os *apparitores praecones*?

Compreende-se a menção *veteres – vicarii*: nem tudo os edis fariam; competia-lhes, por via da sua experiência (*veteres...*), avaliar os edifícios, propor um preço e seriam os seus ‘vigários’ que se encarregariam do negócio; e tinham pregoeiros que os ajudavam, no caso, por exemplo, de venda de imóveis, para a publicitar.

Portanto, se a ideia *veteres et vicarios eorum* se aceita sem problemas, porque não parece lógico que aos vigários dos *praecones* seja negada sepultura no jazigo dos *praecones veteres*, igualmente se não vê dificuldade concreta em que também os seus assessores os possam acompanhar no túmulo. Do ponto de vista epigráfico faria falta uma primeira copulativa (a referida *praeconesque*); mas também é verdade que, na linguagem corrente, quando temos uma enumeração, separamos por vírgulas os vários termos e só no final se põe a copulativa; assim terá acontecido.

Enfim, eram os *apparitores aedilium* os mais importantes; no moimento a eles reservado, sepultavam-se também os pregoeiros e os seus vigários ou lugares-tenentes. Unidos na vida pelas funções exercidas, no lugar da morte unidos permaneciam. Eles e os descendentes de todos! E, nesse aspecto, há, no letreiro a presença de uma expressão anómala *posterisque eorum*, anomalia que importa esclarecer: é que se requeria o genitivo *posterum*, na sequência dos anteriores, e não o dativo! Sucede, porém, que essa era a frase lapidar que integrava o quotidiano dos *lapidarii* – e o canteiro não logrou compreender que, no caso vertente, a não poderia usar, sem mais nem menos. E o *collegium* dos *apparitores* também não se importou com o lapso!...

Por conseguinte, a leitura que ora se propõe é a seguinte

*Hoc monumentum / apparitorum praeconum / aedilium veterum / et vicarium est / <sup>5</sup> posterisque eorum.*

E a tradução:

«Este é o monumento dos assessores, dos pregoeiros dos edis anciãos, (seus) lugares-tenentes e para os descendentes deles».

Não há, porém, nenhum motivo para não aceitar como autêntica a placa assim desenhada e que está consignada na base de dados de Clauss: EDCS-18100763.

## 2. CIL VI 29 718

Esta epígrafe vem na Pars IV fasc. prior de CIL VI, editada por Christianus Huelsen e publicada em 1894. Está na p. 2881, incluída nas ‘variae municipales’ dos *Tituli municipales in urbe reperti*. «Ara marmorea optimis litteris» e não «herma acephala», como chegou a ser classificada. «In vinea Casaliorum ad portam S. Sebastiani, effossa a. 1758», «deinde in collectione Scalabrini, quae publice divendita est a. 1888».

Duas observações, desde logo:

1<sup>a</sup>) Só mais tarde se dá conta da ‘presença’ desta epígrafe na estampa de Rem-Picci. Tal registo vem na p. 373, na pars IV, fasc. III, Additamentorum auctarium, edição de M. Bang em 1933.

2<sup>a</sup>) Confirma-se que a coleção mostrada na estampa acabou por se dispersar, vendida parte dela em hasta pública. Escreveu Rita Santolini Giordani: «[...] La collezione Casali, scomparendo come raccolta privata e disperdendosi, ha dato il suo contributo alla formazione e all’arricchimento di pubbliche raccolte» (p. 90). Cerca de uma trintena terão ido, nomeadamente, para a coleção epigráfica do Vaticano.

Dispomos da ficha do monumento elaborada, em 02-10-2012, por Giorgio Crimi para a base de dados EDR, onde tem o n.º 123 141. Vamos, por conseguinte, transcrever o que aí se diz e se acrescentará o que for tido por conveniente.

O monumento encontra-se, sem n.º de inventário, na Galleria degli Uffizi, em Firenze (R. Giordani considerara-o ‘disperso’). É de mármore e foi o letreiro gravado a cinzel. Mede 96,5 x 59,2 x 29 cm. Campo epigráfico: 54,80 x 31,50 cm. A altura das letras varia entre 2,5 e 3,5 cm. Giorgio Crimi, atendendo a aspectos arqueológicos, ao formulário e à paleografia, data o monumento de entre os anos 71 e 130, uma datação aceitável.

Para além da figura que isolámos na estampa do Museu de Odrinhas (Fig. 4), dispomos da imagem que vem na ficha de EAGLE e que, com a devida vénia, reproduzimos (Fig. 5). Por aí se pode ver que se trata de um monumento com alguma sumptuosidade, com jarro e pátera nas faces laterais esquerda e direita (respectivamente). Lembra a miniatura

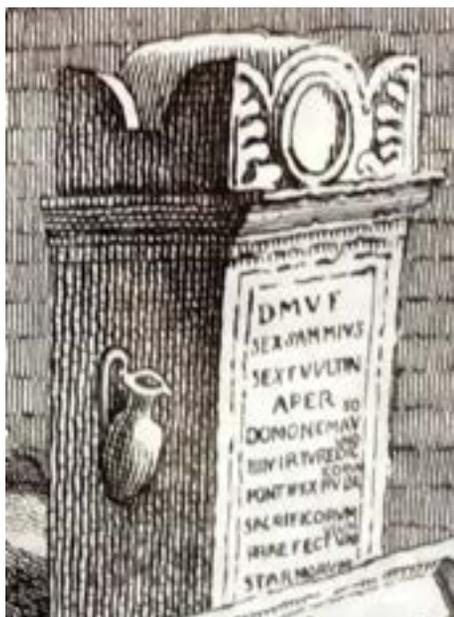


Fig. 4. Identificação, na estampa, de CIL VI 29 718.



Fig. 5. Foto retirada, com a devida vénia, de EDR.

do frontispício de um templo, na medida em que o texto se encontra enquadrado por colunas e há frontão triangular decorado com original grinalda e suas fitas, que dão para as faces dos quartos de toro laterais. Um monumento elegante a que, na actualidade, as letras a vermelho (se acaso não se trata da pintura original) emprestam singular beleza a um texto primorosamente paginado, segundo eixo de simetria, com módulo maior nas letras da informação inicial e nas linhas 2 a 4, que identificam o personagem; seguem-se a informação da naturalidade e os cargos que exerceu na sua qualidade de membro da classe equestre.

Leitura:

D(is) M(anibus) V(ivus) F(ecit) / SEX(tus) SAMMIVS / SEX(ti) F(ilius)  
 VVLTIN(ia) [sic] / APER / <sup>5</sup> DOMO NEMAVSO / IIIIVIR (quattuorvir)  
 IVRE DICVND(o) / PONTIFEX PVBLICORV(m) / SACRIFICIORVM  
 / PRAEFECT(us) VIGVLVM [sic] / <sup>10</sup> ET ARMORVM.

Tradução:

*Aos deuses Manes. Fez em vida Sexto Sâmio Áper, filho de Sexto, da tribo Voltúnia, natural de Nemausus, quadrúnviro para as sentenças, pontífice dos sacrifícios públicos, prefeito dos bombeiros e das armas.*

Comparando com a fotografia o desenho da estampa, verifica-se o que atrás se disse acerca da falta de rigor em copiar o que se via na superfície epigrafada. O artista, ao dar-se conta de que, com o módulo usado no traçado dos caracteres, não conseguia pôr tudo na linha correcta, acabou por entrelinhar o final de cada linha. Felizmente que dispomos do original para termos a noção exacta do que se gravara. As grafias diferentes do usual – *Vultinia* por *Voltinia*, *vigulum* em vez de *vigilum* – constituem variantes sem significado de maior.

O *equus Sextus Sammius Aper*, natural de *Nemausus* (a actual Nîmes) e, por isso, inscrito na tribo da cidade, a *Voltinia*, não deixou os seus créditos por mãos alheias e quis ele próprio, em vida, tratar do sepulcro e consignar na pedra o que fora, para ele, o seu currículo, aqui apresentado por ordem inversa: ele exerceu primeiro um cargo de cunho militar, na medida em que as funções dos *vigiles* não eram apenas de segurança civil (prevenção e combate a incêndios), mas também de segurança armada, daí que lhe tenha sido também confiada a guarda do arsenal das armas; depois, um cargo de índole religiosa – superintendia, como pontífice, aos sacrifícios públicos; finalmente, uma função judicial, onde certamente se preparou para a gestão administrativa de mais altos voos.

Não admira, por consequência, que muitos autores se tenham referido já a esta epígrafe, quer devido ao exercício desses cargos, quer por se tratar de um provincial que na Cidade Eterna faz o seu currículo.

Herzog<sup>9</sup> insere-a logo no seu rol das epígrafes de *Nemausus* (1864, p. 32, n.º 120).

Pflaum<sup>10</sup> inclui a família *Sammia* entre as ilustres de *Nemausus* (1978, p. 239).

Jinyu Liu<sup>11</sup> (2009, p. 138) refere as dez inscrições de *Nemausus* alusivas a *praefecti vigilum et armorum* locais, sublinhando: «They all seem to be very high social standing», mormente *Aper*, por ter sido *equus* e ter ascendido ao quatuorvirato. A função de *praefectus vigilum et armorum*, assinala, «would seem to have been an established element in the *cursus honorum*».

David Noy<sup>12</sup> cita *Sextus Sammius Aper* na p. 302, como exemplo dum estrangeiro registado em Roma.

Consta da base de dados EDCS sob o n.º 17 201 700.

9 HERZOG 1864.

10 PFLAUM 1978.

11 LIU 2009.

12 NOY 2000.



Fig. 6. Reprodução da Ficha CIL VI 12 577. Fig. 7. Identificação, na estampa, de CIL VI 12 577.

### 3. CIL VI 12 577

A base de dados EDCS apresenta a inscrição sob o n° 14 800 790 e apenas dá como bibliografia CIL 06 12577 (p 3511).

Em CIL VI 12 577 (Fig. 6) – ficha localizada na *pars II* que foi publicada em 1882 – anota-se que se trata duma *ara marmorea*, com *urceus* na face lateral esquerda e *patera* na direita; o autor da ficha viu a epígrafe («descripsi») *in villa Casaliorum*. Ou seja, nessa data a epígrafe integrava ainda a colecção documentada na gravura de Rem-Picci. A referência a essa gravura só virá, porém, na p. 3511 do CIL VI, nos *Additamenta*: «Rem-Picci *monumenti della via Appia* tab. 10 inter lapides in vinea Casalia repositos. Lanciani *bull. Comun.* 1883 p. 241 n. 687. *Catalogo della collezione Scalabrini*, Romae 1888, p. 143, n. 1457».

Rita Giordani (n° 191 p. 176) começa por esclarecer que o monumento se perdeu («disperso»): tendo estado na *villa Casali*, integrou a colecção Scalabrini e entrou, por essa via, «nel mercato antiquario». Indica que é um «cippo quadrangolare» de mármore e mede 52 cm de altura.

Em EDR, a busca por *Atteiae Fortunatae* não deu resultado, donde poderá concluir-se que o monumento ainda não constará dessa base.

Tanto na gravura de Rem-Picci como na cópia do Museu de Odrinhas (Fig. 7), só vem reproduzido o texto no campo epigráfico, o que – se não tivéssemos outra descrição – nos levaria a pensar que estávamos perante uma placa e não um altar. A leitura também aí não oferece dúvidas, ainda que a invocação inicial aos Manes não esteja incluída.

Podemos, por conseguinte, assentar como texto o seguinte, fiando-nos na versão de CIL VI 12 577:

D(is) M(anibus) / ATTEIAE / FORTVNATAE / C(aius) CALPVRNIVS /  
SECVNDVS / CONIVGI RARISSIMAE / ERGA SE SANCTISSIMAE  
/ ET PIISSIMAE FECIT

*Aos deuses Manes de Ateia Fortunata – fez Gaio Calpúrnio Secundo à  
cônjuge raríssima, santíssima e modelo de piedade para consigo.*

Teria havido a preocupação de paginar segundo um eixo de simetria, atendendo, de modo especial, à posição da palavra *Secundus* na linha 5.

A onomástica patente na epígrafe é corrente, apenas *Atteia* o não será. Procurando *Attei-* em EDCS, verifica-se que não ultrapassarão em muito as duas dezenas dos seus testemunhos epigráficos. Dá, contudo, a ideia, numa observação superficial, de que há fortes indícios de ter sido família bem colocada social e economicamente:

– O uso, em várias ocasiões, designadamente em ambiente de libertos, da palavra *fecit* não deixa, por exemplo, de ser significativo:

- *Atteia Felicula*, por exemplo, *fecit* o epitáfio do *amicus optimus Marcus Ulpius Narcissus*, libertado do imperador Trajano (CIL VI 29242);
- *Quintus Cornelius Iason Atteiae Athenaidi coniugi bene merenti fecit* (CIL VI 16244).
- *Caius Ateius Symphorus* fez o mausoléu para o seu patrono *Caius Ateius Antiochus et sibi et suis posterisque eorum* (CIL VI 12573).
- *Lucius Ateius Atteianus* figura, em várias epígrafes dos anos 120 e 121, em diplomas do imperador Adriano, como um dos decênviros *stlitibus iudicandis* (v. g., CIL XVI 74, EDCS-46400886, AE 2018 1991).
- *Atteia Prisca* casou com um *eques* de largo currículo, *Lucius Laetilius Rufus*, que, como tribuno militar, mereceu ser obsequiado com *hasta pura* e *corona vallaris* (CIL IX 1614).
- *Ateius Philologus* foi distinto retórico e gramático, natural de Atenas e amigo de Salústio, que Suetónio cita, entre os gramáticos, no seu opúsculo *De Viris Illustribus*.

A expressão *erga se sanctissima* só nesta epígrafe se documenta; contudo, tanto esse superlativo como *rarissima* não são raros e *pientissima* pode quase considerar-se um estereótipo.

#### 4. Conclusão

«Roma Illustrata» foi a expressão com que a Professora Federica Petracchia nos aliciou a demonstrar que, ao longo dos séculos, os Romanos e, de modo especial, as inscrições romanas exerceram forte fascínio sobre as gentes, tanto investigadores (eles, de modo especial, é claro!) como colecionadores, entre os quais membros das famílias reais. É sabido que, nos séculos passados, uma ida a Roma não deixava, amiúde, de ser bom motivo para comprar ou ser obsequiado com moedas, estatuetas de bronze ou mesmo placas epigrafadas de fácil transporte (ou até não!)...

A dedicatória de Agostino Rem-Picci à infanta Maria Cristina di Borbone e a correspondente oferta do álbum com instantâneos arqueológicos de Roma constitui prova eloquente desse interesse pela Antiguidade. O facto de esse álbum ter sido reproduzido e dele termos em Portugal uma cópia demonstra que tal sedução ultrapassou fronteiras.

O desafio que aceitei foi o de identificar o autor da estampa do Museu de Odrinhas. Resolvido o enigma, a escolha aleatória de três dos monumentos epigráficos ali representados, conhecendo-se de um deles o original, hoje em Florença, deu oportunidade de se concluir:

1º) que não houve, da parte do artista, a intenção de ser rigoroso do ponto de vista epigráfico;

2º) que, mesmo de monumentos conhecidos e repetidamente citados, o propósito de os visitar é sempre susceptível de trazer novidades e de corrigir imprecisões.

De facto, em relação a *CIL VI 1946*, foi possível reflectir sobre não apenas o texto original mas também sobre os verdadeiros destinatários do moimento. E apelar no sentido de se tentar saber do seu actual paradeiro.

Quanto ao epitáfio que *Sextus Sammius Aper* fez questão em redigir para si em vida (*CIL VI 29 718*), a investigação permitiu reafirmar que está exposto na Galleria degli Uffizi, em Florença, e mostrar o elevado interesse do currículo deste cavaleiro.

No que concerne à ara funerária (e não cipo) que, em termos tão elogiosos, *Secundus* mandou lavrar em memória de sua esposa *Atteia Fortunata*, houve oportunidade de chamar a atenção para o papel relevante que os membros desta família terão desempenhado, pelos cargos que exerceram, apelando-se também para que a epígrafe venha a encontrar-se, quiçá, na colecção particular de alguma das famílias romanas.

## Bibliografia

- DE RUGGIERO 1895 = E. DE RUGGIERO, *Dizionario Epigrafico di Antichità Romane*, I, L. Pasqualucci editore, Roma 1895.
- EDCS = Epigraphik-Datenbank Clausß / Slaby; acessível em: <http://www.manfredclausß.de/>
- EDR = Epigraphic Database Roma [Eagle – Electronic Archive of Greek and Latin Epigraphy]. Acessível em: <http://www.edr-edr.it>
- GIORDANI 1989 = R. S. GIORDANI, *Antichità Casali. La collezione di Villa Casali a Roma*, L'Erma di Bretschneider, Roma 1989.
- HERZOG 1864 = E. V. HERZOG, *Galliae Narbonensis Provinciae Romanae Historia*, in aedibus B. G. Teubneri, Lipsiae 1864.
- LIU 2009 = J. LIU, *Collegia Cantonariorum. The Guilds of Textile Dealers in the Roman West*, Brill, Leiden / Boston 2009.
- MARINI 1795= L.G. MARINI, *Gli Atti e Monumenti de' Fratelli Arvali, Part 1: Scolpiti già in Tavole di Marmo ed ora Raccolti Diciferati e Comentati*. Roma 1795. [Foi feita uma edição, em *paperback*, datada de 10-09-2010: Whitefish, Montana – Kessinger Publishing, LLC].
- MOMMSEN 1876 = T. MOMMSEN, *Römisches Staatsrecht. Easter band*, Verlag von S. Hirzel, Lipsia 1876.
- NOY 2000 = D. NOY, *Foreigners at Rome. Citizens and Strangers*, Duckworth with The Classical Press of Wales, London 2000.
- ORELLI 1828 = J. C. V. ORELLI, *Inscriptionum Latinarum Selectarum Amplissima Collectio* [...], Typis Orelliis - Fuesslini et Sociorum, Turici 1828. [reuiu este texto e publicou-o em 1856].
- PFLAUM 1978 = H.G. PFLAUM, *Les Fastes de la Province de Narbonnaise*, CNRS, Paris 1978.
- PURCELL 1983 = N. PURCELL, *The Apparitores: A Study in Social Mobility*, in *Papers of the British School at Rome* 51, 1983, p. 125-173.
- REM-PICCI 1844= A. REM-PICCI, *Monumenti e ruderi antichi che veggonsi [sic] lungo i lati delle due prime miglia della via Appia incisi all'acqua forte in venticinque tavole e con breve indicazione illustrati*, Tipografia Puccinelli, Roma 1844.
- WALTZING 1895 = J. P. WALTZING, *Étude historique sur les corporations professionnelles chez les Romains depuis les origines jusqu'à la chute de l'Empire d'Occident*, in *Mémoires Couronnées et Autres Mémoires*, I, Bruxelles, F. Hayez, imprimeur de l'Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique, 1895.

---

Con il volume *“E pluribus Roma. Identità storica e artistica di una realtà urbana che ambiva a diventare memorabile”* si inaugura la collana ‘Scheria’. Le tematiche affrontate dai diversi autori dei contributi spaziano attraverso contesti storici molto differenti tra loro, che rendono consapevoli della necessità di un approccio multidisciplinare e interdisciplinare, non solo per percepire la pluralità delle tematiche affrontate ma anche per considerarle una sorta di porta che si apre piano piano nel tempo, un accesso che permette al passato e al presente di dialogare tra loro, portando la memoria di modelli ancora attuali e applicabili alla realtà in cui viviamo. A partire dal Settecento, ‘il Secolo dei Lumi’, le esperienze di viaggio (soprattutto in Grecia e in Italia) di stranieri provenienti da ogni parte d’Europa dimostrano che il tempo non riesce a cancellare il ricordo del passato, ma anzi la conoscenza di questo tempo trasformato consente all’uomo di risvegliare i ricordi e riviverli con la mente di oggi. Dallo sfondo del passato emergono parole e immagini consegnate ai secoli successivi in grado di suscitare nuove suggestioni e affascinanti reinterpretazioni.

---

**Maria Federica Petraccia** è docente di Storia romana presso l’Università di Genova, Ateneo dove riveste anche l’incarico di Delegata del Rettore per i rapporti con le Istituzioni culturali italiane e straniere. È stata Visiting Professor presso le Università di Paris IV-Sorbonne, Pamplona e la UCM di Madrid. È attualmente membro dell’Association Internationale d’Épigraphie Grecque et Latine (AIEGL), della Società Scientifica della Scuola Archeologica Italiana di Cartagine (SAIC) e del Comitato scientifico della rivista spagnola ‘Antesteria. Debates de historia antigua’ (ed. UCM). È Co-direttore (assieme a Leo Lecci) della collana ‘Giano bifronte’ e Direttore della collana ‘Scheria’ (Ed. De Ferrari - Genova). È autrice di numerose monografie e saggi apparsi su riviste italiane ed estere (e.g. *I questori municipali dell’Italia antica; Gli stationarii in età imperiale; In rebus agere. Il mestiere di spia nell’antica Roma; Indices e delatores nell’antica Roma. Occultiore indicio proditus, in occultas delatus insidias; The Roman Senate as arbiter during the Second Century BC.*) e ha partecipato a diversi Convegni nazionali e internazionali.

**Maria Federica Petraccia** is professor of Roman history at the University of Genoa, where she also holds the position of Chancellor’s Delegate for Relations with Italian and foreign cultural institutions. She has been Visiting Professor in Paris IV Sorbonne, Pamplona and UCM Madrid. At present time she is member of the Association Internationale d’Épigraphie Grècque et Latine (AIEGL), of the Scientific Society of the Italian Archaeological School of Carthage (SAIC), of the Scientific Committee of the Spanish magazine ‘Antesteria. Debates de historia antigua’. She is co-Director (together with Leo Lecci) of the series ‘Giano Bifronte’ (Genoa University Press) and Director of the series ‘Scheria’ (Ed. De Ferrari - Genova). She is the author of numerous monographs and essays that have appeared in Italian and foreign journals (e.g. *I questori municipali dell’Italia antica; Gli stationarii in età imperiale; In rebus agere. Il mestiere di spia nell’antica Roma; Indices e delatores nell’antica Roma. Occultiore indicio proditus, in occultas delatus insidias; The Roman Senate as arbiter during the Second Century BC.*) and she has participated in various national and international conferences.

€ 28.00



9 788855 103408